

BELO HORIZONTE: BOEMIA E MILITÂNCIA NA CAPITAL MUNDIAL DOS BOTECOS

Marcone de Souza Guedes¹

Resumo: *A presente comunicação possui como objetivo discorrer sobre as sociabilidades político-culturais promovidas nos bares na cidade de Belo Horizonte. Optou-se, na pesquisa que está sendo iniciada, por priorizar a investigação dos “bares do Edifício Maletta”, entendidos como portadores de uma identidade sociocultural específica no cotidiano urbano de Belo Horizonte. Dessa maneira, busca-se compreender as representações políticas e culturais que, ali tecidas, foram mencionadas, sob diferentes perspectivas, em jornais da capital mineira. Como hipótese, sugere-se que o conjunto de representações associadas aos bares do Maletta mantém afinidade com a complexa noção de resistência sociocultural. Como referencial teórico, a noção de resistência será entendida em sua dimensão político-simbólica, sobretudo através dos trabalhos da historiografia inglesa. Desse modo, concernirá a presente pesquisa verificar essas distintas possibilidades a partir das multifacetadas representações encontradas.*

Palavras-chave: *Bares; Belo Horizonte; Edifício Maletta; resistência; boemia; militância.*

No dia 25 de junho de 2009 era publicado no Diário Oficial de Belo Horizonte a sanção da Lei 9714. Ora, qual o conteúdo dessa lei e como ela se relaciona com o presente texto? A partir dela, Belo Horizonte, capital de Minas Gerais, passaria a ser reconhecida como a Capital Mundial dos Botecos. Além disso, “a lei, originária do projeto 67/09, de autoria do vereador Alberto Rodrigues, estabelece ainda o Dia Municipal dos Botecos, a ser comemorado, anualmente, sempre no terceiro sábado do mês de maio” (UAI, 2009).

Porventura, alguém que desconhece a referida cidade, e, mais especificamente, sua relação com os inúmeros bares existentes naquela circunscrição geográfica, pode questionar qual a necessidade e o sentido dessa lei. Nesse sentido, antes de adentrar estritamente na problemática que norteará o presente trabalho, julga-se profícuo apresentar alguns aspectos pertinentes no que tange a convivência dos cidadãos belo-horizontinos com esses espaços de convivência.

Inicialmente, no sentido de uma breve contextualização, é válido apresentar uma pesquisa realizada pela prefeitura municipal no ano de 2017 e que foi publicada no Jornal O Tempo. Segundo a reportagem, tal levantamento mapeou 9.500 bares na cidade (O TEMPO, 2017). Diante disso, a matéria prossegue: “O número fica ainda mais incrível quando se comparado com a área total de limite de Belo Horizonte, que é de 332 km². Podemos dizer que a cada quilômetro quadrado, há uma média de 28 bares na capital” (O TEMPO, 2017).

Frente a esses números, é possível começar a compreender a mencionada lei, discorrida anteriormente, ou ainda a oficialização do apelido “botecar”, aprovado também em um regulamento municipal de 2009 (G1, 2017). Ainda no contexto dessas ponderações, deve-se re-

¹ Graduando em História pela Universidade Federal de Ouro Preto. E-mail: marconeguedes@hotmail.com

cordar ainda que de acordo com o setor de geoprocessamento da Prodabel, órgão contratado pela prefeitura para realizar o mapeamento dos botecos, apenas no Bairro Centro são cerca de 704 bares. Contudo, não é somente nessa região que há uma concentração demasiada de bares. No Bairro da Graça, revela a pesquisa, são cerca de 355 bares e na Região Savassi, por exemplo, 255 bares (O TEMPO, 2017). Desse modo, vai se constatando que nos mais diferenciados bairros de Belo Horizonte pode-se encontrar um estabelecimento que atenda às demandas dos moradores e turistas.

À vista disso, considera-se proveitoso buscar entender quando tudo isso começou. Para isso, recorre-se a informações da Associação Brasileira de Bares e Restaurantes de Minas Gerais (Abrasel-MG). Segundo a Instituição, o bar mais antigo que ainda segue funcionando na cidade de Belo Horizonte é o chamado Tip Top (G1, 2011), inaugurado em 1929 pela tcheca Paula Huven e pelo marido dela, o romeno Adolfo Huven. Localizado no Bairro de Lourdes, o Tip Top guarda até hoje um pouco da memória de Belo Horizonte, inclusive por meio dos registros fotográficos expostos nas suas paredes que retratam os primeiros anos da Capital.

Sabe-se que a História de Belo Horizonte tem início em 1701 quando ocorre a fundação do Arraial Curral del Rei. Muito tempo depois, em 1893, decidiu-se que Ouro Preto deixaria de ser a capital de Minas Gerais, visto que não seria possível que houvesse a expansão urbana necessária. Diante desse fato, escolheu-se então o antigo Arraial. Desse modo, no ano de 1894 as obras de construção da nova capital tiveram início. Em 1897, houve uma alteração no nome da referida localidade começando a ser chamada de Cidade de Minas. Cerca de quatro anos depois, outra modificação, momento em que ela passa a se chamar Belo Horizonte.

Nesse sentido, conforme discorrido acima, é plausível constatar que do momento em que a cidade torna-se a nova capital do Estado, 1893, e, sobretudo, do instante em que passa a ser denominada Belo Horizonte, 1901, até a fundação do bar mais antigo que ainda segue funcionando, 1929, há uma breve distância temporal. Nesse sentido, é presumível afirmar que a presença desses espaços no processo constitutivo da mencionada cidade influenciou e sofreu influência das experiências ocorridas no perpassar dos anos.

Naturalmente, da fundação do Tip Top até o presente momento inúmeros estabelecimentos iniciaram seus trabalhos e tantos outros encerraram. No transcorrer dessa narrativa, certamente outros locais que contribuíram para a formação dessa instigante relação dos cidadãos belo-horizontinos com os múltiplos botecos espalhados pela cidade serão devidamente mencionados. De todo modo, defende-se que essa conexão não pode passar despercebida, como não tem sido ao menos em algumas esferas. Um exemplo do que se afirma é a publicação de uma matéria no jornal The New York Times abordando justamente essa temática. A reportagem, intitulada “A Town Where All the World Is a Bar”, discute a multiplicidade e pluralidade dos bares de BH e aponta esses espaços de lazer e convivência como lugares extremamente propícios para se conhecer a realidade da mencionada cidade. O jornal ainda sugere:

Mas Beagá, o apelido da cidade (a partir da pronúncia de suas iniciais em português), tem uma reivindicação à fama: como a capital dos ba-

res do Brasil. [...] Ora, ninguém está completamente certo, mas uma teoria se transformou em um ditado popular: “Não tem mares, tem bares”. De maneira frouxa: “Não há mares, portanto há bares” (THE NEW YORK TIMES, 2007).

Diante do que foi explicitado precedentemente, pode-se indagar, entre outras coisas, quais os principais motivos que nortearam a presença intensa dos cidadãos de Belo Horizonte nos botecos ao longo do tempo estabelecendo a relação dissertada acima. No entanto, dado a abrangência da resposta que o referido questionamento pode gerar, optou-se, nessa pesquisa, conforme discutido anteriormente, dentre os tantos bares da capital mineira, priorizar a investigação dos “bares do Edifício Maletta”.

O mencionado prédio, inaugurado em 1897, é uma mescla de conjunto comercial e residencial, tendo sido comprado por Arcângelo Malleta poucos anos depois de sua abertura, foi administrado por este de 1919 até 1953. Em 1957, já tendo ocorrido a morte de seu proprietário e a venda do espaço à Cia de Empreendimentos Gerais, foi demolido. Cerca de quatro anos depois, em 1961, foi então reaberto passando a ser chamado de Conjunto Arcângelo Malleta, como forma de homenagem póstuma ao proprietário anterior.

De acordo com o site *Catraca livre* “situado na esquina da Rua da Bahia com a Avenida Augusto de Lima, há mais de 50 anos, o Maletta é conhecido como espaço da boemia, cultura, política e diversidade” (CATRACA LIVRE, 2017). Além disso, nessa mesma reportagem, de agosto de 2017, tem-se a informação que “o Edifício Arcângelo Maletta reúne num só prédio 19 andares de área comercial e 31 de espaço residencial, com 319 apartamentos, 642 salas, 72 lojas e 74 sobrelojas” (CATRACA LIVRE, 2017). Nesse sentido, dada a dimensão desse espaço e a pluralidade existente, “até o movimento dentro do Maletta ganhou seu jeitinho próprio: durante o dia, lojas e restaurantes oferecem serviços cotidianos, enquanto os bares se tornam as grandes estrelas após o anoitecer” (CATRACA LIVRE, 2017).

Julga-se conveniente ressaltar também a relevância do reportado ambiente entre as décadas de 60 e 80. De acordo com o blog *360meridianos*:

Durante a ditadura, o Maletta virou o ponto de encontro da esquerda. Intelectuais e artistas eram vistos ali aos montes, em especial na Cantina do Lucas, que começou a servir cervejas e petiscos em 1962. Pelas mesas do Lucas passaram gente como o cantor Milton Nascimento e o escritor Murilo Rubião, só para citar dois nomes (360MERIDIANOS, 2014).

Ainda sobre o bar citado acima, chamado Cantina do Lucas, o site *G1* discorreu:

O administrador do restaurante, Edmar Roque, lembra que o bar ficou conhecido por reunir intelectuais e artistas desde a década de 1960

[...]. Nesta época, o local também era ponto de encontro de militantes de esquerda contrários ao regime militar. “O Lucas era uma tribuna livre, tinha toda uma liberdade para as pessoas se expressarem. O seu Olympio, que era comunista convicto, era o grande protetor desta turma. Sempre que via alguém estranho dava um jeito de avisar com um código vindo do cardápio: hoje não tem filé à cubana”, relata” (G1, 2011).

No contexto da presente discussão, torna-se necessário discorrer, ainda que sucintamente, acerca do que algumas produções historiográficas que trabalharam na investigação e análise dos bares propuseram. Dessa maneira, seja através da averiguação dos fatos ligados aos bares, seja no entrecruzamento e embates de fontes e produções sobre o mencionado assunto, contribuíram para a elucidação de aspectos pertinentes relacionados a essa temática.

O antropólogo Fídias Teles, em sua obra *Os Malabaristas da Vida: Um Estudo Antropológico da Boemia*, do ano de 1989, discorrerá que o bar pode ser qualificado em três dimensões. Essa subdivisão seria os pequenos, médios e por fim os grandes. Da mesma forma, as experiências de relacionamento que ocorrem nesses lugares poderiam ser designadas como relações primárias e secundárias. Além disso, o autor sugere também que visitando esses ambientes, o indivíduo conseguiria fugir às demasiadas exigências do cotidiano com suas preocupações, obstáculos e desalentos (TELES, 1989, p. 120).

Para que se possa compreender essa proposta, é válido discorrer também sobre a tese de doutorado do professor Uelba Nascimento, da Universidade Federal de Pernambuco, ano de 2014, intitulado *Boemia, aqui me tens de regresso boêmio e sensibilidades da MPB (1940-1950)*. Nele, o referido discute sobre esse tema:

Queremos falar do bar enquanto local de encontro entre amigos, onde se busca amizade e solidariedade. O bar que é quase um consultório psicanalítico, onde se desabafa e afoga mágoas, onde se falam de amores e desamores, encontros, desencontros e frustrações (NASCIMENTO, 2014, p. 132).

Nessa ótica, Nascimento retoma também as asseverações feitas por Teles em 1989, aprofundando algumas questões específicas. Assim, pode-se fazer um entrecruzamento das informações presentes nas duas produções. Em relação às três dimensões dos bares, mencionadas anteriormente, presentes na obra *Os Malabaristas da Vida: Um Estudo Antropológico da Boemia*, o professor Uelba Nascimento salientará que na primeira esfera, dos estabelecimentos menores, “as relações seriam de mais proximidade entre os frequentadores, proprietários do estabelecimento e seus garçons” (NASCIMENTO, 2014, p. 132), dessa forma, o autor prossegue que “existe até a possibilidade de deixar a conta no ‘fiado’, ou seja, pra se pagar depois” (NASCIMENTO, 2014, p. 132).

A respeito dos bares médios, Teles pondera, em seu texto, que neles as relações podem ser tanto primárias, quanto secundárias (TELES, 1989, p. 118). Uelba Nascimento, nesse caso, explica essa dupla possibilidade argumentando que “dá pra se saber quem é o proprietário, mas não se tem tanta intimidade; os garçons são conhecidos, mas raramente se aceita fiado; se conhece alguns frequentadores mais assíduos, mas não a maioria” (NASCIMENTO, 2014, p. 134).

Por fim, na terceira esfera explicitada por Teles e analisada por Nascimento, haveria os bares maiores. De acordo com o autor da tese de 2014, “nos bares maiores, a relação seria mais secundária, ou seja, não se conhece o proprietário e dificilmente se dialoga com os garçons; os clientes geralmente não se conhecem” (NASCIMENTO, 2014, p. 135). Ademais, Nascimento conclui essa explanação sobre a proposta constituída por Teles salientando:

Mas, se pensarmos bem, em todo bar, seja ele de pequeno, médio ou grande porte, existem relações de proximidade, uns mais e outros menos, pois toda mesa, em geral, se compõem com o que Teles chama de “grupo primário (NASCIMENTO, 2014, p. 135).

Nessa perspectiva, pode-se recordar também o texto *Bares e Casas Noturnas: um estudo exploratório sobre consumo e sociabilidade*, da professora Maria Henrique Gimenes Minasce, doutora em história pela Universidade Federal do Paraná. De acordo com ela:

Diferentemente de um objeto que possa ser pré-avaliado em um ponto de venda, ser comprado ou consumido no próprio local de residência, o consumo de bares, casas noturnas e similares se dá in loco, ou seja: pressupõe o deslocamento do indivíduo e a imersão em todo o contexto do bar ou da casa noturna, incluindo sua ambientação, decoração e convívio com os demais frequentadores (GIMENES MINASSE, 2004, p. 78).

Desse modo, partindo do pressuposto que ir a bares é uma ação profundamente social, uma vez que há a concentração de pessoas e a possibilidade de múltiplos contatos, Gimenes Minasce ainda ressalta:

Nesse sentido, consome-se não apenas a bebida e a comida, mas também, em um nível simbólico, a atmosfera criada naquele espaço, a diversão, o relaxamento e as relações que são ali entabuladas entre seus frequentadores. Aspectos concretos como decoração, cardápio e som ambiente se unem aos estados de humor e às intenções dos frequentadores para criar o “clima” do lugar, a “alma” da casa [...] (GIMENES MINASSE, 2004, p. 78).

A tese de Nascimento, aqui analisada, também contém fragmentos que dão ênfase à partilha de experiências ocorridas nesses espaços de convivência. Segundo ele:

No bar, a bebida não é o ponto principal: ela é o adicional em busca de uma maior sociabilidade e de maior integração entre as pessoas que ali estão. As mesmas pessoas, diariamente, acabam por criar um ambiente familiar em que todos se conhecem, sabem das peculiaridades de cada um [...] os apelidos e as gírias são frequentes entre os grupos, o que demonstra uma maior intimidade entre todos (NASCIMENTO, 2014, p. 135).

Tendo sido esboçada a problemática da presente pesquisa, cuja presunção principal é a indagação de que representações socioculturais dos bares situados no Edifício Maletta estão sendo concebidas em jornais da capital mineira, parte-se da premissa que o processo constitutivo de tais representações é demasiadamente plural, gerando expressões multifacetadas. Defende-se, diante disso, que esse fato se dá principalmente devido a diversidade dos lugares de fala onde foram emitidos.

Dado o panorama acima, levando em consideração também os limites desse trabalho, postula-se que, no contexto específico que os objetos dessa pesquisa estão incorporados, é possível tracejar ao menos três conjuntos de representações distintos a partir das representações dos jornais. A primeira esfera elencada trata-se da expressão entendida como boemia. Posteriormente, se discorrerá sobre aspectos que formulariam o conceito de militância. Por fim, se adentrará no tópico aqui denominado de performatividade crítica da realidade. Nesse sentido, concebe-se que a análise dessas ações sociais díspares possibilitará a compreensão da problemática articulada.

O primeiro aspecto, da boemia, sobretudo nas décadas de 40 a 60, destaca-se pelo processo de alargamento de suas demarcações culturais, e, concomitante a isso, a ampliação da aceitação da mencionada prática. Ou seja, paralelo ao mundo do trabalho, as práticas que circundam esse universo vão adquirindo mais respaldo de parte da sociedade urbana e as experiências dos botecos perpassam esse processo. Segundo o historiador Uelba Nascimento “É o bar que sustenta toda a cultura boemia. Nele se encontram motivos e inspirações para compor, brincar, conversar, aparar as arestas da vida” (NASCIMENTO, 2014, p. 132). Nessa perspectiva, os bares aqui analisados, localizados no Edifício Maletta, inserem-se nessa conjuntura de estabelecimentos produtores, reprodutores e cernes das sociabilidades e sensibilibidades boêmias.

A segunda vertente, da militância, em conformidade com a primeira, está intimamente ligada a um conceito fundamental para compreensão dos conjuntos de representações percebidos nos bares do Maletta. Trata-se do ideário de liberdade. Nessa ótica, os espaços aqui analisados, essencialmente portariam essa possibilidade, oferecendo, então, a seus frequentadores a permissividade de externar suas aspirações, anseios, embates e conflitos. Tal viabilidade, diante do cenário das obrigações cotidianas transgrediria, ainda que instantaneamente, a rotina dos indivíduos, inclusive no tocante a alternativa de contestar a ordem política, econômica, cultural. Nesse sentido, faz-se necessário ressaltar que tal refutação poderia ocorrer

de forma direta, ou seja, explicitando os problemas que assolavam a população, ou ainda de forma mais sutil, discreta. Um exemplo disso seriam os produtos culturais muitas vezes concebidos nas mesas de bares que também não deixavam de expor as inquietações e ambições dos mesmos frequentadores.

Portanto, é bastante perceptível essa segunda faceta de ressignificação, manifestada através do ideário da militância, seja em tempos sombrios de ditadura explícita, seja em meio a uma dinâmica política de representação liberal, em um contexto em que perduram várias posturas discriminatórias quanto a escolhas identitárias:

A terceira dimensão, intitulada performatividade crítica da realidade, sugere, na perspectiva aqui empregada, a emergência de práticas inovadoras diante de modelos consagrados previamente. Assim, pressupõe-se que os espaços aqui averiguados forneciam às pessoas que os visitavam recursos para criarem e ressignificarem costumes e hábitos que perpassavam suas respectivas trajetórias biográficas. Dessa maneira, conforme defendido no presente trabalho, não é possível restringir a incumbência dos bares à fuga do estresse do trabalho, ou a boemia num sentido de malandragem, desocupação. No desejo de exemplificar essa assertiva, pode-se mencionar, por exemplo, a presença vanguardista e o encadeamento de inovações no quadro artístico cultural que vão se articulando nesses ambientes de sociabilidades ao passo que os bares vão se consolidando no território urbano da cidade de Belo Horizonte.

Dado o exposto acima, a hipótese sustentada nessa pesquisa alega que essas três instâncias, discorridas anteriormente, se articulam na prática de vários frequentadores, embora sejam alicerçadas por sentidos dissemelhantes, e, nesse sentido, se mesclam em um imaginário fluido e complexo de resistência. No decurso desse movimento, encontram-se, entre outras coisas, as memórias produzidas ao longo do tempo pelos veículos jornalísticos, cujo interesse dessa análise foi aponta-las, ainda que sucintamente, mas que deverão ser aprofundadas posteriormente.

REFERÊNCIAS:

- BLOG 360MERIDIANOS. *História e tradição nos bares de Belo Horizonte*. 10 mar. 2014.
- CATRACA LIVRE. *Edifício Maletta guarda um pedacinho da história cultural de BH*. 11 de agosto de 2017.
- GIMENES MINASSE, Maria Henriqueta Sperandio Garcia. Bares e Casas Noturnas: um estudo exploratório sobre consumo e sociabilidade. *Turismo em Análise*, v. 15, n. 1, p. 73-88, maio 2004, p. 78.
- NASCIMENTO, Uelba Alexandre do. *Boemia, aqui me tens de regresso. Boêmia e sensibilidades da MPB (1940-1950)*. Tese (Doutorado em História). Recife Universidade Federal de Pernambuco, 2014.
- O TEMPO. *PBH mapeia 9.500 bares da capital; veja qual é o bairro mais boêmio*. 28 de outubro de 2017.
- PORTAL G1. Bares são referências entre pontos turísticos de Belo Horizonte. 19 de dezembro de 2011.
- PORTAL UAI. *Agora é oficial: Belo Horizonte é a capital Mundial dos Botecos*, 26 de junho de 2009.
- TELES, Fídias. *Os Malabaristas da Vida: Um Estudo Antropológico da Boemia*. Recife: Comunicarte, 1989.
- THE NEW YORK TIMES. "A Town Where All the World Is a Bar". 28 de outubro de 2007.